

**MÍDIA CULTURAL E RESISTÊNCIA: COMO A CONSTRUÇÃO
DAS LETRAS DAS TOADAS DO BOI GARANTIDO PODEM
COMUNICAR A IDENTIDADE QUILOMBOLA AMAZONENSE**
*CULTURAL MEDIA AND RESISTANCE: HOW THE LYRICS OF THE
BOI GARANTIDO SONGS CAN COMMUNICATE THE QUILOMBOLA
IDENTITY OF THE AMAZON.*

Hanna Beatriz Ferreira da Silva

Graduanda em Comunicação Social–Jornalismo, Faculdade de Informação e
Comunicação da Universidade Federal do Amazonas
<https://orcid.org/0009-0009-0631-1209>

Resumo: Este trabalho investiga como as letras das toadas do Boi Garantido (2025), com o tema “Boi do povo, Boi do povão”, atuam como mídia cultural e resistência. O objetivo é compreender como essas letras comunicam uma identidade amazonense plural, que celebra matrizes indígenas, caboclas e quilombolas (destacando “Povo Negro da Amazônia” e “Quilombolas da Amazônia”), e desafia a visão simplista e eurocêntrica imposta à Amazônia. A metodologia é qualitativa, com análise de conteúdo e semiótica das toadas.

Palavras-chave: Amazônia; Comunicação; Identidade; Quilombo.

Abstract: This study investigates how the lyrics of the *toadas* (songs) of the *Boi Garantido* (2025), themed “Boi do povo, Boi do povão” (The People’s Ox, The Common People’s Ox), function as a form of cultural media and resistance. The primary objective is to understand how these lyrics communicate a plural Amazonian identity, celebrating Indigenous, *caboclo*, and *quilombola* (Afro-descendant community) matrixes—notably highlighting the specific *toadas* “Povo Negro da Amazônia” (Black People of the Amazon) and “Quilombolas da Amazônia” (Quilombolas of the Amazon). By doing so, the work challenges the simplistic and Eurocentric view imposed on the Amazon region. The methodological approach is qualitative, employing content analysis and semiotics applied to the selected *toadas*.

Keywords: Amazonia; Communication; Identity; Quilombo.

INTRODUÇÃO

A perspectiva colonialista eurocêntrica sobre a Amazônia está presente nos meios de comunicação tradicionais, Tv e rádio, desde seu início. Com o advento da internet, esse olhar pode se perpetuar, impondo um panorama simplista e homogeneizado, que ignora a complexidade e pluralidade cultural das Amazônias.

Nesse aspecto, o Festival de Parintins é uma das manifestações folclóricas nortistas mais reconhecidas no Brasil. Durante as três noites de festa, que ocorrem sempre no final de junho, organiza-se uma competição entre dois grupos de Bois: Boi Garantido, vermelho e com um coração na frente, e o Boi Caprichoso, preto com uma estrela azul na frente. Esta rivalidade é palco para a exaltação cultural local; toadas, como são chamadas as músicas que acompanham a apresentação, possuem enredos que abrangem críticas sociais e reflexões culturais, além da valorização de lendas, mitos e costumes regionais.

No ano de 2025, o Boi Garantido, representado pela cor vermelha, trouxe como tema “Boi do povo, Boi do povão”, em que celebra a cultura e a conexão com a sua torcida, a “galera”. Possuindo algumas toadas que expõem os quilombos da Amazônia. De modo que indaga-se de que maneira a construção das letras das toadas do Boi Bumbá Garantido atua como um vetor de comunicação cultural, comunicando uma identidade amazonense autêntica, complexa e engajada que, ao exaltar suas matrizes indígenas, caboclas e africanas/quilombolas, confronta os estereótipos e as visões simplistas impostas à Amazônia?

Com uma pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo e semântica, objetiva-se compreender como as letras das toadas do boi garantido comunicam a identidade amazonense. O presente estudo justifica-se por ampliar o debate acerca do que é a identidade amazônica, estabelecendo a pluralidade cultural existente na região, a fim de desmistificar os estigmas preestabelecidos na sociedade brasileira. Para o campo social, é relevante para a reafirmação da diversidade de identidades e realidades amazônicas quilombolas da região.

DESENVOLVIMENTO TEXTUAL

Partindo do princípio de que, dentro do estado do Amazonas, há uma pluralidade de vivências, a dos ribeirinhos, indígenas, a região metropolitana e os quilombos, reduzir a identidade amazônica a apenas um desses espectros seria invisibilizar a diversidade do que compõe a identidade amazônica.

A identidade, em um sentido amplo e sociológico, pode ser definida como o processo de construção de significado com base em um atributo cultural (ou um conjunto inter-relacionado de atributos) que prevalece sobre outras fontes de significado. É por meio da identidade que os atores sociais organizam seus significados e experiências. Não é inata ou biológica; é fabricada no contexto de relações culturais e sociais, utilizando a matéria-prima fornecida pela história, pela geografia, pela memória coletiva, pelas instituições e pelos aparatos de poder.

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na autorrepresentação quanto na ação social. Isso porque é necessário estabelecer a distinção entre identidade e o que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis. (Castells, 2018, pág. 55)

A forma como uma identidade é construída é influenciada diretamente pelo meio social, que atua como um espelho que reflete e, ao mesmo tempo, molda as características locais. No cenário amazônico, essa constituição é feita de maneira interseccionada entre as redes e o ambiente biofísico. Ou seja, não existe uma identidade sólida e estática; a identidade é dinâmica.

A concepção do “eu” não possui somente uma fonte; o ser é feito sob influência de vários discursos, dos diversos aparelhos ideológicos do Estado, nas palavras de Althusser (Althusser, 1992). Essas ferramentas moldam como o sujeito visualiza o mundo. De acordo com Castells (2018), a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder, o autor propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: identidade legitimadora, relacionado a fontes de dominação estrutural; identidade de resistência, liga a origem de formas de resistência coletiva diante de opressões; e a identidade de projeto, definido como a construção de uma nova identidade pelos atores sociais. Em acordo com a definição de Alain Touraine,

Chamo de sujeito o desejo de ser um indivíduo, de criar uma história pessoal de atribuir significado a todo o conjunto de experiências da vida individual... A transformação de indivíduos em sujeitos resulta da com-

binação necessária de duas afirmações: a dos indivíduos contra as comunidades e a dos indivíduos contra o mercado (Alain Touraine, 1999, p. 65-72).

No ambiente digital, a relação do pertencimento é ainda mais abrangente, de modo a ser também um componente influenciador-chave para a concepção do “eu”. Stuart Hall (2006) compreende que as identidades modernas estão sendo descentradas, deslocadas ou fragmentadas. Seu propósito é o de explorar esta afirmação, ver o que ela implica, qualificá-la e discutir quais podem ser suas prováveis consequências. Ou seja, pode-se compreender que o sujeito é um ser híbrido.

De maneira que, a dicotomia entre o clássico e o moderno é descredibilizada, já que é possível um sujeito amazônida de comunidades tradicionais deterem conhecimentos de ancestrais, bem como ser um cidadão global, consumir tecnologia, o que se leva em consideração é que esse indivíduo, ao adentrar a “realidade moderna” não deixa de ser um indígena, quilombola ou ribeiro, ele é um manancial da sua cultura e o seu discurso é disseminado com a sua existência naquele espaço.

Em suma, o que se pode compreender é que não há substantivo singular, mas o plural e a coletividade desse substantivo. Essas ferramentas culturais e políticas que moldam a visão de mundo do sujeito, mas não o devem aprisionar em estereótipos de uma visão folclórica, mas compreender que a identidade está em constante atualização.

Toadas são canções que acompanham a história narrada pelos Bois de Parintins durante suas apresentações, típicas da região amazônica, mas que possuem traços comuns de outras regiões brasileiras. Alvarenga (1960) destaca que toadas não possuem traços fixos que as unam em suas diferentes expressões. Mas que, segundo Farias (2005), compreende-se que toadas são “composições musicais criadas para a apresentação dos bois-bumbás e tratam sobre o tema ou homenagem escolhidos pela Agremiação Folclórica para o Festival”

Em 2017, o Garantido trouxe em uma das suas composições a toada “Quilombolas da Amazônia”, narrando a presença dos quilombos amazônicos, trazendo o léxico africano nas estrofes. Já em 2025, o Boi Garantido trouxe em seu álbum a toada “Povo Negro da Amazônia”, composição de Helen Veras, Jorge Moraes, Maneca Sobral e Sebrin, letra que celebra a ancestralidade, a resistência e a cultura afro-amazônica, evidencia as raízes africanas e indígenas da região.

Durante a composição, há uma exaltação aos quilombos amazônicos, que, diferentemente do dito popular, o Amazonas não é somente terra indígena, mas

também quilombola, bem como todo o Brasil é construído pela pluralidade identitária que compõe a “pátria brasileira”.

As raízes africanas estão presentes na história nacional desde sua colonização. Os quilombos surgiram no Brasil no século XVII e podem ter diversos significados, sendo lugares ou manifestações populares dessa localidade.

Na tradição popular no Brasil há muitas variações no significado da palavra quilombo, ora associado a um lugar (“quilombo era um estabelecimento singular”), ora a um povo que vive neste lugar (“as várias etnias que o compõem”), ou a manifestações populares, (“festas de rua”), ou ao local de uma prática condenada pela sociedade (“lugar público onde se instala uma casa de prostitutas”), ou a um conflito (uma “grande confusão”), ou a uma relação social (“uma união”), ou ainda a um sistema econômico (“localização fronteiriça, com relevo e condições climáticas comuns na maioria dos casos”). (Leite, 2000, p. 337).

Ou seja, a própria definição de quilombo é plural, mas, em suma, evidencia uma definição singular: o refúgio e a resistência, mesmo ao consultar o dicionário de Antônio de Moraes Silva (1755-1824), a definição de lugar escondido, refúgio, localidade fortificada (Pereira, 2023). E que:

A questão quilombola passou a fazer parte da agenda política de forma mais contundente a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, por meio de seu artigo 68 do ADCT (Ato das Disposições Constitucionais Transitórias), que reconhece a propriedade das terras ocupadas por comunidades quilombolas, sendo o Estado obrigado a emitir-lhes títulos pertinentes. Embora esse dispositivo legal represente um grande avanço, uma conquista para o movimento negro do país, não se pode deixar de fazer sua crítica e analisá-lo no contexto em que foi aprovado. [...] Além disso, os constituintes, no calor daquele momento, tinham medo da pecha de racistas. Votado e aprovado como parte dos Atos das Disposições Constitucionais Transitórias, e não como uma obrigação permanente do Estado, infere-se que a visão que predominou nesse processo foi a de transitoriedade da situação, que vê o país em processo de embranquecimento, que segundo Guimarães (2004) “pode ser entendido como o processo pelo qual indivíduos negros, principalmente intelectuais, eram sistematicamente assimilados e absorvidos às elites

nacionais brasileiras”. (Da Silva et al, 2012, p.25)

Nesse sentido, a noção de quilombo, marcada por muitos significados, converge para a ideia central de refúgio, luta e continuidade cultural, reafirmando o protagonismo das populações negras regionais. É possível afirmar que as toadas, para além de expressões artísticas e festivas, constituem instrumentos de memória, resistência e afirmação literária. Ao abordar essa temática do povo negro da Amazônia, as composições ressignificam narrativas historicamente silenciadas, evidenciando a pluralidade étnica e cultural que estrutura a formação do Brasil. Esse gênero acaba por se revelar como um espaço simbólico de valorização da ancestralidade afro-amazônica e questionamento do *status-quo* pré-estabelecido a respeito desses povos.

METODOLOGIA

Considerando que o estudo proposto pretende investigar as controvérsias do tema por meio de uma abordagem qualitativa, adotou-se o método indutivo como estratégia de construção do conhecimento, que de acordo com Lakatos e Marconi (2007, p. 86), em Fundamentos de Metodologia Científica, o método indutivo consiste em um processo mental pelo qual, partindo-se de dados particulares suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida explicitamente nas partes examinadas

Indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. Portanto, o objetivo dos argumentos indutivos é levar a conclusões cujo conteúdo é muito mais amplo do que o das premissas nas quais se basearam.

Ou seja, passa de um caso particular para o geral, analisando os dados de uma comunidade ou grupo específico de uma realidade concreta, desencadeando uma argumentação geral. Em conjunto com o método observacional que visa notar algo que acontece ou já aconteceu. “Por um lado, pode ser considerado como o mais primitivo e, conseqüentemente, o mais impreciso. Mas, por outro lado, pode ser tido como um dos mais modernos, visto ser o que possibilita o mais elevado grau de precisão nas ciências sociais.” (Gil 2008, p. 16). Acresce também a natureza aplicada da pesquisa que objetiva aplicar conhecimentos estudados para solucionar problemas singulares

Assim, através desses métodos, almeja-se responder às hipóteses e aos objetivos pretendidos no início dessa pesquisa de maneira que se investigue o tema.

Os procedimentos de análise adotados fundamentam-se em uma abordagem qualitativa contemporânea, apoiada em autores como Creswell e Poth (2018), Flick (2019) e Denzin e Lincoln (2020), que defendem a interpretação contextual, a triangulação e a leitura aprofundada dos fenômenos simbólicos. A análise é estruturada de forma multimetodológica, integrando duas frentes analíticas: análise de conteúdo qualitativa contemporânea e análise semiótica.

A primeira etapa baseia-se na análise de conteúdo qualitativa, conforme sistematizada por Moraes (2018), que atualiza os princípios clássicos com ênfase na categorização dinâmica, no tratamento interpretativo e na integração dos sentidos emergentes. De acordo com Moraes (2018), a análise de conteúdo demanda procedimentos rigorosos que envolvem: (i) delimitação do corpus, (ii) unitarização, (iii) categorização e (iv) construção de metatextos. Seguindo essa orientação, análise das letras das toadas é organizada em categorias como emoções evocadas, interpretação lexical, percepções narrativas e experiência estética.

A segunda frente consiste na análise semiótica, ancorada nos conceitos triádicos do signo, representante, objeto e interpretante de Peirce, já amplamente discutidos e operacionalizados em pesquisas semióticas por Santaella (2019). Santaella (2019) destaca que a análise semiótica possibilita compreender como signos visuais e sonoros acionam processos cognitivos e sensoriais no intérprete.

ANÁLISE DE DADOS

Nesse sentido, as composições do festival de Parintins funcionam como um espaço onde se materializam os pensamentos e ações do povo amazônida. Um exemplo claro dessa construção de sentidos pode ser observada na toada “Quilombolas da Amazônia” composta por Eneas Dias, João Kennedy e Marcos Boi, traz a seguinte estrofe de abertura em que chama para participar da festa em celebração à pluralidade cultural e luta pela equidade.

Meu canto é altivo e libertário
Ritmado a tambores e xequerês
Toada de luta pela igualdade racial
Emancipação do povo meu
Celebra a vida dos griôs do saber

Evidencia os instrumentos como xequerês, instrumento artesanal de percussão africano, bem como traz uma figura relevante para as sociedades africanas

ocidentais desde o século XIV, o Griô, conhecido por ser sábio contador de histórias, de acordo com a enciclopédia Itaú Cultural. Outra estrofe que reflete as tradições afro-brasileiras é a seguinte

Voa, voa, voa
Voa meu canto cangoma
Voa, voa, voa
Nessa batucada do meu boi-bumbá
Voa, voa, voa
Teu verbo alado é Sansa Kroma
Voa, voa, voa
Pássaro da liberdade yorubá

Nessa estrofe, é possível notar o hibridismo cultural que forma um espectro da Amazônia nortista, a junção dos conhecimentos indígenas, ribeirinhos com as raízes africanas, os denominados afros indígenas. Uma palavra que se destaca é “Cangoma”, palavra de origem africana, na língua Bantu, que, segundo o dicionário Houaiss, significa tambor, mas que, durante o período escravagista no Brasil, passou a ter outra significação popular. Segundo o Museu Felícia Leimer, uma instituição da Secretaria Cultural e Indústria Criativa do Estado de São Paulo, essa palavra se refere ao

canto dos escravizados africanos que foram trazidos ao Brasil durante o período colonial. As pessoas se reuniam para dançar, tocar e cantar depois de uma longa semana de trabalho forçado. Esse momento era o cangoma, onde se reportavam a seu lugar de origem e participavam de ritos de suas tradições, sem que fossem incomodados pelos senhores e capatazes.

Outro verso que se destaca seria “Teu verbo alado é Sansa Kroma”, que refere-se a lenda do povo de Gana, que simboliza cuidado e comunidade. “Yorubá” é um idioma da vertente linguística nigero-congolesa, também pode se referir a um grupo que compartilham o mesmo idioma e cultura,

A consolidação de uma etnia chamada “yorubá,” tanto quanto o seu prestígio inigualado entre os povos da “Costa,” têm raízes na diáspora serra-leonina, em que este povo emergente, mais do que qualquer outro

na África, seguiu os meios literários e comerciais de explorar o imperialismo britânico. (Matory, 1998, p.277).

O verso que se refere a perspectiva amazônica parintinense é o “Nessa batucada do meu boi-bumbá” que é uma das festas típicas da região norte, citado anteriormente. A encenação do Boi-Bumbá é muitas vezes definida como um auto popular, termo que alude às formas alegóricas do teatro medieval e, no âmbito do folclore, as formas teatrais cuja ribalta é a rua ou a praça pública. (Cavalcanti, 2000).

Outra toada que se destaca são os versos introdutórios da toada “Povo Negro da Amazônia”, em que a voz lírica evoca os ancestrais da Amazônia, em destaque, África, reconhecendo as origens Tupinambá e Iorubá. A toada em si é a celebração da harmonia ancestral que orchestra a Amazônia, evocando essas duas origens.

Amazônia
Cuida dos meus filhos em teu verdejante ser
África
Seus filhos são meus filhos e viverão em harmonia com a natureza

Os próximos versos se destacam justamente por se autofirmarem nos discursos proferidos. “Sou raiz Iorubá, Bantu, Mina, de sangue Tupinambá...” que se referem a povos de diversas regiões da África, como também à ilha Tupinambará (Parintins). Esse verso destaca de modo claro os discursos de Stuart Hall e Manuel Castells, a construção heterogênea do sujeito.

Nessa terra Minh ‘alma (irá receber)
O batismo ancestral (do Tambor da floresta)
Sou raiz Iorubá, Bantu, Mina, de sangue Tupinambá...
A baixa é quilombo (onde nasceu)

Outro verso que merece destaque é “A baixa é quilombo (onde nasceu)”, já que em junho de 2025, a comunidade pescadora pretos, ribeirinha e indígena foram certificados pelo Ministério da Igualdade Racial (MIR) como um quilombo, tornando-se o primeiro do município. Ainda de acordo com o site do MIR em 2025

A comunidade remonta ao final do século XIX, e teve origem com a chegada de Dona Germana na região, uma mulher negra escravizada que

se estabeleceu na localidade após a abolição. Posteriormente, sua filha Alexandrina, conhecida como Dona Xanda, herdou as terras e acolheu famílias negras, indígenas e ribeirinhas, transformando a Baixa da Xanda em porto de chegada, morada operária e espaço de trocas culturais.

A análise dessas toadas revela que o vocabulário utilizado ultrapassa apenas a função estética ou rítmica. Sob a ótica da Semântica Cultural, esses termos funcionam como a manifestação viva das memórias que materializam a resistência da identidade afro-amazônica.

DISCUSSÃO

Considerando que o homem amazônico é um fruto desse processo histórico e institucional, sua produção artística pode se tornar um repositório desses valores e crenças locais. Essa simbiose é acordada por Benchimol, por expor o complexo cultural amazônico da harmonização do conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida. Nesse sentido, a arte expressa o desenvolvimento do sujeito e a sociedade sendo estreitada com a floresta e os rios.

O complexo cultural amazônico compreende um conjunto tradicional de valores, crenças, atitudes e modos de vida que delinearam a organização social e o sistema de conhecimentos, práticas e usos dos recursos naturais extraídos da floresta, rios, lagos, várzeas e terra firme, responsáveis pelas formas de economia de subsistência e de mercado. Dentro desse contexto, desenvolveram-se o homem e a sociedade, ao longo de um secular processo histórico e institucional. (Benchimol, pág 17).

Nesta análise, realiza-se uma análise semântica cultural da língua portuguesa nos termos, gírias e sentenças destacadas nas toadas escolhidas. Esse campo tem como foco o estudo de aspectos dos significados das palavras e suas sentenças, ou seja, o significado real ou figurado em relação com os elementos que proporcionam a reflexão linguística no teor semântico. (Fossile, 2013 *apud* Santos e Nogueira, 2014)

Tem-se como premissa o conceito de língua natural, e é nesse princípio de construção teórica, que se tem o objeto de estudo da Semântica Cultural. Pois, a relação do homem com seu mundo é que gera a cultura. E

toda cultura é toda construção emanada da mente humana, sendo materializada na forma de objetos, ações ou forma de pensamentos.

Devemos pressupor que os sentidos são atribuídos às palavras não de forma aleatória, segundo a “boa vontade” de cada falante, mas que existem princípio norteadores desse processo, tanto princípio intralinguístico (da própria gramática da língua) como princípio da relação entre a língua e a dimensão extralinguística (princípios da relação entre a língua e os demais fatos culturais). Identificar esses princípios é essencial para uma análise satisfatória. (Ferrarezi, Basso, 2013, p. 76).

Assim, essas composições operam como uma reterritorialização simbólica, desmistificando os estereótipos, a Amazônia deixa de ser vista apenas como um cenário exótico e passa a ser compreendida como um território de hibridismo. A língua, nesse contexto, é o fio guia que une o passado colonial à emancipação contemporânea.

CONSIDERAÇÕES

A análise das toadas “Povo Negro da Amazônia” e “Quilombolas da Amazônia” revelou que o léxico utilizado, ao evocar a ancestralidade africana e a territorialidade dos quilombos, rompe com a visão eurocêntrica e homogeneizada da região. Conforme discutido, a identidade amazonense não é estática; ela é um processo dinâmico e plural.

Ao inserir o negro como protagonista da narrativa amazônica, o Boi Garantido promove o que Castells define como identidade de projeto, em que os atores sociais constroem novas definições de si mesmos para desafiar a dominação estrutural que, historicamente, invisibilizou a presença afrodescendente no norte do país.

Com isso, ao pesquisar acerca da identidade amazonense, é possível ampliar o debate teórico acerca do tema, além de promover a descolonização do pensamento estereotipado, tanto por observadores externos quanto por amazonenses. O Festival Folclórico de Parintins é percebido como um mecanismo de ruptura contra essa visão redutora da Amazônia.

Os desafios da pesquisa seriam justamente compreender que a identidade regional é um território de disputa, onde a inserção do protagonismo quilombola confronta a invisibilidade histórica imposta pelo olhar eurocêntrico hegemônico no país. De modo que o amazonense deixa de ser visto sob uma ótica estática para ser reconhecido em uma pluralidade de etnicidade e política.

Em suma, o trabalho reafirma a necessidade de desmistificar os estigmas sobre a região. A comunicação cultural exercida pelo Boi Garantido serve como um lembrete de que a Amazônia é um manancial de identidades que se atualizam sem perder a essência. Como sugestão para estudos futuros, propõe-se a análise da recepção dessas toadas pelas próprias comunidades quilombolas do Baixo Amazonas, a fim de verificar como essa representação artística impacta o fortalecimento de suas lutas por direitos territoriais e reconhecimento social.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Oneyda. **Música Popular Brasileira**. 1. ed. 2. imp. Porto Alegre: Globo, 1960.
- BENCHIMOL, Samuel. (2009). **Amazônia - Formação Social e Cultural**. 3 ed. Editora Valer. ISBN: 8586512230.
- BRASIL. Ministério da Igualdade Racial. **Baixa da Xanda, no Norte do país, é reconhecida como comunidade remanescente de quilombo**. Brasília, DF: Governo Federal, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/igualdaderacial/ptbr/assuntos/copy2_of_noticias/baixa-da-xanda-no-norte-do-pais-e-reconhecidacomo-comunidade-remanescente-de-quilombo. Acesso em: 1 dez. 2025.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 9. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2018. (A era da informação: economia, sociedade e cultura, v. 2).
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 6, suplemento, p. 1019–1046, set. 2000. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702000000500012>
- CRESWELL, John W.; POTH, Cheryl N. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches**. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2018.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The SAGE handbook of qualitative research**. 5. ed. Thousand Oaks: Sage, 2018.
- ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Griot**. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/termos/80302grio>. Acesso em: 1 dez. 2025.
- FARIAS, Júlio César. **De Parintins para o mundo ouvir: na cadência das toadas dos**

bois-bumbás Caprichoso e Garantido. Rio de Janeiro: Litteris, 2005. Acesso em: 15 dez. 2025.

FERRARI, Pollyana. **Nós: tecnosequências sobre o humano**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. (Recurso eletrônico).

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019.

FOSSILLE, Dieysa Kanyela. Parece que as coisas estão mudando: aos poucos a semântica começa a aparecer nos livros didáticos de língua portuguesa. **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 16, n. 2, p. 393-414, jul./dez. 2013. Acesso em: 24 nov. 2025.

GARANTIDO. **O Povo Negro da Amazônia**. [S. l.]: Letras.mus.br, [2025]. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/garantido/o-povo-negro-da-amazonia/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Ta-deu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Editora 34, 2004. ISBN-10¹: 857326232X. ISBN-13 : 978-8573262322.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Etnográfica**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 333-354, 2000. Acesso em: 8 dez. 2025.

MATORY, J. Lorand. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 263-292, out. 1998. Yorubá. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71831998000200013>. Acesso em: 28 dez. 2025.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. 3. ed. rev. e ampl. Ijuí: Editora Unijuí, 2018.

MUSEU FELÍCIA LEIRNER. **Consciência Negra: Ritmos Afro-brasileiros – Cango-ma**. Campos do Jordão: ACAM Portinari, 2020. Disponível em: <https://www.museufelicialeirner.org.br/programacao/consciencia-negra-ritmos-afrobrasileiros-cangoma/>. Acesso em: 1 dez. 2025.

PEREIRA, Laura Belém. Quilombolas no Amazonas (Brasil): histórias de lutas e reconhecimento. **Revista Educação e Humanidades**, [s. l.], v. 4, n. 2, p. 330–345, jul./dez. 2023. Acesso em: 12 dez. 2025.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. 1. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2019. (Série Primeiros Passos). Acesso em: 2 dez. 2025.

SILVA, Simone Resende da; NASCIMENTO, Lisangela Kati do. Negros e territórios quilombolas no Brasil. **Cadernos CEDEM**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 23–37, 2012. Acesso em: 28 dez. 2025.

SANTOS, J. B.; NOGUEIRA, L. S. (org.). **Linguagens e comunicações na Amazônia**. [S. l.]: [Editora], 2014.

SILVA, Maria das Dores; et al. **Quilombos, território e cidadania**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.

TOURAINÉ, Alain. **Podemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 1999. ISBN-10 : 8532621155. ISBN-13 : 978-8532621153